

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1906

N.º 180

## A situação



— Orça, que vae o diabo ao leme!

# Argentinos em Lisboa

**N**os poucos dias que demoraram em Portugal puderam os officiaes do cruzador argentino *Buenos Ayres* reconhecer de visu que Lisboa é uma cidade, ao mesmo tempo civilizada e hospitaleira.

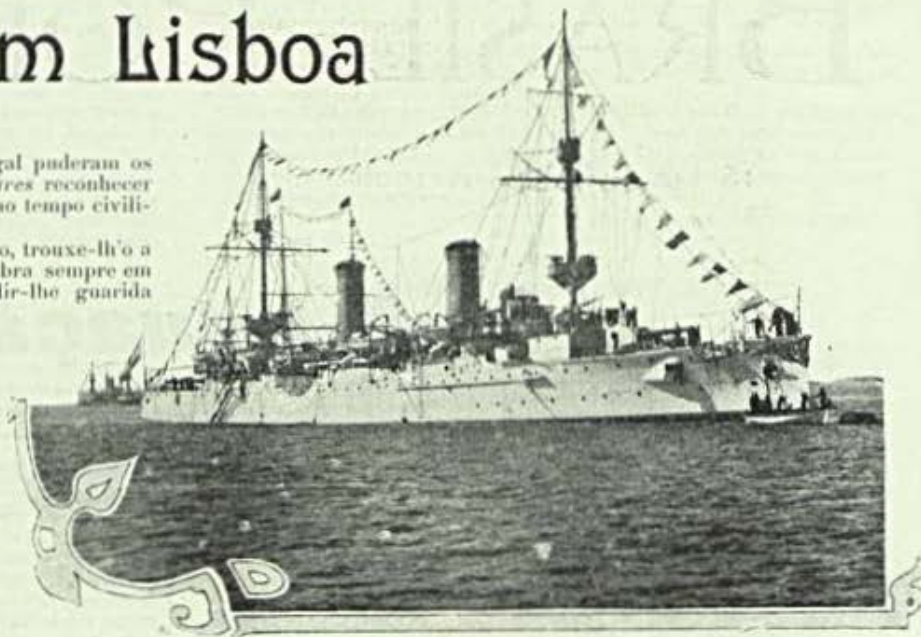
Este ultimo predicado, que n'ella é innato, trouxe-lhe a tradição, que vem dos seculos passados, e que timbra sempre em honrar, e nunca em desmentir, quando veem pedir-lhe guarida hospedes amigos e leaes.

Dão testemunho da primeira qualidade até aquelles que d'ella mais tem duvidado, e, não raro, formado o seu espirito por quantas mentiras, aleivosias e descritos fazem correr mundo os pescadores d'aguas turvas, os ambiciosos incorrigiveis, todos os que por esses processos julgam conquistar e conseguir aquillo a que não tem direito.

Feliz foi o ensejo que se nos deparou com a visita, n'este momento que um conjunto de circumstancias pôde tornar historico, dos officiaes da armada argentina ao porto de Lisboa. E' que elles vinham da Hespanha e o seu bello cruzador tinha lançado ferro em portos hespanhoes que uma campanha teimosa e renhida procura por todos os meios, sem excluir os do descredito, demonstrar que tem uma incontestavel supremacia sobre o formoso e incomparavel porto de Lisboa.

Ainda bem que vieram. Ainda bem que um destino, d'esta vez favoravel, fez ancorar em frente de uma das mais bellas e vastas praças do mundo, em frente da velha capital, toda cortada de bairros novos, toda salpicada de predios elegantes e de parques umbrosos, o cruzador em que fluctuava a bandeira de uma nação amiga, descoberta no momento epico da Historia, em que Portugal de um lado e do outro a Hespanha, rasgando os mares e dilatando os mundos, davam o mais formidavel contingente para a civilização que hoje alastra por quasi todas as regiões do globo.

Esses briosos e sympathicos marinheiros da America do Sul tiveram a impressão nitida e sentida do que é o coração portuguez, a alma portugueza, o caracter portuguez. Dos labios d'El-rei ouviram palavras, que hão de já ter sido repetidas na sua patria, porque eram o mais justo e rasgado elogio da civilização argentina. Esses elevados conceitos confirmou-lhes o governo pela bocca de dois ministros, o dos estrangeiros e o da marinha, que pondo em relevo as nossas descobertas e a já lendaria epopeia dos nossos triumphos maritimos, fizeram resaltar os serviços brillantissimos que deve à armada e ao povo argentino o progresso dos nossos dias. E elles, os marinheiros da formosa e prospera republica, porfiaram em demonstrações de galanteria e ao mesmo tempo de sinceridade, aproveitando a occasião propicia para receberem a bordo do *Buenos Ayres* em uma festa memoravel os representantes das melhores classes da sociedade portugueza, que trocaram amabilidades que não esquecem mais, provas da mais reciproca sympathia e do mais alto



O cruzador "Buenos-Ayres."

apreço com os representantes do lindissimo paiz americano, que durante alguns dias confraternizou com o nosso, pela mais impercível e captivante de todas as formas.

E para que essa *matinée* adoravel fosse coroada de todo o exito, n'ella realçou o elemento feminino, porque as damas mais elegantes e as mais bellas da diplomacia e enfim da primeira sociedade de Lisboa, levaram os seus encantos, o aroma das suas graças, a suggestão das suas formosuras, ao coração d'esses marinheiros que, através d'esse doce effluvio, que não é senão o eterno feminino, mais fundo hão de gravar ainda na memoria a recordação saudosa dos dias de Lisboa.

E, em summa, para completar a obra da hospitalidade e do acolhimento affectivo de uma cidade, que por ser a capital representa o paiz inteiro, veio a benemerita *Sociedade Propaganda de Portugal* preencher a lacuna que faltava fechar, convidando a officialidade do *Buenos Ayres* a reunir-se em um banquete com alguns dos socios d'ella, representantes da marinha, do funcionalismo, do exercito, da industria, da magistratura, das letras, das bellas artes, do commercio e da imprensa.

E ahí, no meio do mais effusivo entusiasmo, por entre os vivas e os hurrahs, o presidente da Sociedade, o encarregado de negocios da Republica Argentina, o commandante e o immediato do cruzador, e os mais eloquentes d'entre os que tomaram parte n'essa festa intima, saudaram de um lado Portugal do outro a Argentina, e os votos mais fervorosos partiram de todos, indistinctamente, pela amizade inquebrantavel, pela prosperidade, pelo futuro dos dois paizes. E o secretario da *Propaganda* que é um dos directores do *Brasil-Portugal*, ao encerrar a serie dos brindes, pôz em relevo os serviços e o valor da imprensa argentina, e nas seguintes palavras, que fazemos nossas, procurou resumir o sentimento de nós todos, n'aquelle momento de lealissima confraternidade:

Senhores:

Quando voltardes ao vosso paiz, dizei-lhe que n'este rincão da Europa ha um povo, pequeno no seu territorio continental, mas grande pelas glorias do passado e pelas aspirações do futuro, que abre de par em par a sua formosa capital para vos receber e o seu coração fraterno para vos sandar.

Dizei-lhe que esta vastissima bahia que reflecte o azul do céu e onde se remira como n'um espelho de crystal a nossa



Matinée a bordo do "Buenos-Ayres., no dia 28 de junho

Ministro dos Estrangeiros—D. Gregorio Aguerribery, commandante do cruzador—ministra do Brasil—madame Ortigão Ramos—madame Ribeiro da Cunha—ministro do Brasil, etc.



Outro grupo a bordo do "Buenos-Ayres..

cidade garrida e pittoresca que, recamada de jardins, como de esmeraldas se reclina pelos montes em amphitheatro, esta bahia incomparavel se encheu de jubilo ao receber a visita do vosso cruzador, que vos



D. Jacinto L. Villegas

Encarregado de Negocios da Republica Argentina em Lisboa

trouxe até nós e traz consigo o nome symbolico da vossa opulenta cidade que não tem inveja ás mais formosas, ás mais cultas, ás mais movimentadas da Europa.

Dizei-lhe que o nosso arreigado amor á patria se harmonisa e con-

juza com o culto scientifico d'este internacionalismo cosmopolita, que a nós, portuguezes, nos faz chamar irmãos, a vós, argentinos, porque nos irmana o mesmo respeito pelo nome que gloriosos conquistámos e a mesma confiança no futuro para onde marchamos intrepidos.

Dizei-lhe que esta velha terra de marinheiros, sagrados pela Historia, esta terra linda e heroica, amorosa e epica, d'onde saiu o Gama para a Asia mysteriosa e o Cabral para essa America, então virgem de todo o empreendimento e hoje fecundada por todos os progressos, dizei-lhe que esta terra de navegantes e navegadores saúda em vós os bravos marinheiros da Republica que são, como os nossos, honra e orgulho da patria e uma das mais solidas garantias da soberania nacional.

Dizei enfim aos vossos compatriotas, quando voltardes a vê-los, que o mais obscuro representante da imprensa portugueza brinda de longe, cheio de effusiva admiração, a imprensa do vosso paiz, que tem a represental-a estes dois collossos: *La Nacion* e *El Diario de Buenos Ayres*, que como porta-vozes formidaveis, arautos magnificos da paz, levam a todas as regiões do planeta o echo da vossa grandeza, da vossa civilisação e da vossa prosperidade.

## Politica internacional

**A** grande tragedia, que se está desenrolando na Russia e cujas sinistras peripecias teem o condão de concitar a attenção geral na Europa e na America, impediu-nos de fazer referencia nos ultimos numeros d'esta Revista a alguns factos importantes da politica internacional, que no entretanto não devem ficar esquecidos, mesmo n'uma rapida resenha como a nossa.

Na Hespanha o ministerio liberal continúa a debater-se n'uma crise permanente, que se não sabe quando terá fim. Depois do casamento do rei e do attentado, que tanto alvoroçou a opinião publica, suppunha-se que a crise se resolveria sem delongas, ou ratificando Alfonso XIII a confiança no ministerio e concedendo-lhe a dissolução sem a qual o sr. Moret não podia continuar a governar, ou retirando-lhe essa confiança e chamando outro politico para organisar gabinete. Não aconteceu, porém, até agora nada d'isto. A crise continúa mais ou menos latente, o rei não se atreve a conceder a dissolução ou a negal a terminantemente, conferencia quasi diariamente com o presidente do conselho, ouve repetidas vezes os homens politicos mais em evidencia e por fim . . . tudo fica na mesma. Entretanto o sr. Maura vae ameaçando com uma opposição intransigente e violenta no caso da dissolução se realizar, e parece que esta ameaça, secundada pelas intrigas da camarilha que odeia tudo quanto vem do campo liberal, não é extranha ás hesitações do rei. Agora parece que a crise entrou no estado agudo, a dar credito aos ultimos telegrammas. A ser assim a solução não se pôde demorar e brevemente saberemos o curso que os acontecimentos vão tomar no paiz vizinho. O que parece certo, porém, é que os dias do gabinete Moret estão contados, e que um novo governo vae succeder ao actual, tão ephemero provavelmente como os seus antecessores, cuja existencia tem apenas a duração das rosas de Malherbe.

Diferentemente se passam as cousas em França. Longe de se enfraquecer, o governo da republica acaba de alcançar uma importante victoria, que lhe consolidou por muito tempo a situação. Foi o caso que tendo o sr. Jaurés em nome dos socialistas revolucionarios ou unificados, como tambem se chamam, atacado o governo e sobretudo o ministro do interior pela sua attitude em face das grèves e dos motins promovidos pelos mineiros do norte ou por quem com elles especulava, o sr. Clemenceau n'um discurso magistral, que é até louvado pelos proprios adversarios, de tal modo triumphou do chefe socialista e das suas contradicções e inconsequencias, que todo o partido republicano se agrupou entusiasmado em volta do orador, aclamando-o freneticamente e votando por grande maioria que o discurso d'elle fosse afixado em todas as communes da França.

Foi uma victoria completa, muito além do que se podia esperar, e cujas consequencias, não tardarão a manifestar-se. Uma d'essas consequencias é a reconstituição do governo mais cedo ou mais tarde, passando para a presidencia do conselho o sr. Clemenceau, que se revelou um estadista de pulso e de vistas largas, como ha muito tempo não apparecia nas bancadas ministeriaes. A segunda consequencia é a scisão no *bloco* que levou a effeito a separação da igreja do estado, passando os socialistas revolucionarios para a opposição, e começando o ministerio a governar apenas com o apoio dos grupos republicanos. Os socialistas e o sr. Jaurés jamais perdoarão ao ministro do interior a lição que lhes inflingiu, e aguardarão com impaciencia a primeira occasião para voltar á carga e collocar o governo em embaraços, emquanto o não poderem derribar. No entretanto, por lamentavel que seja a desagregação do bloco, é certo que pelo menos por agora o governo leva a melhor, graças á inhabilidade do sr. Jaurés de se ter envolvido no escabroso problema da expropriação social, o que em cousa alguma reforçou a sua argumentação contra o governo, dando em compensação motivo para que os elementos mais avançados do partido republicano, assustados com as theorias do caudilho collectivista, o abandonassem. A nossa impressão é que n'essa sessão memoravel o sr. Jaurés esteve muito abaixo da reputação parlamentar de que goza.

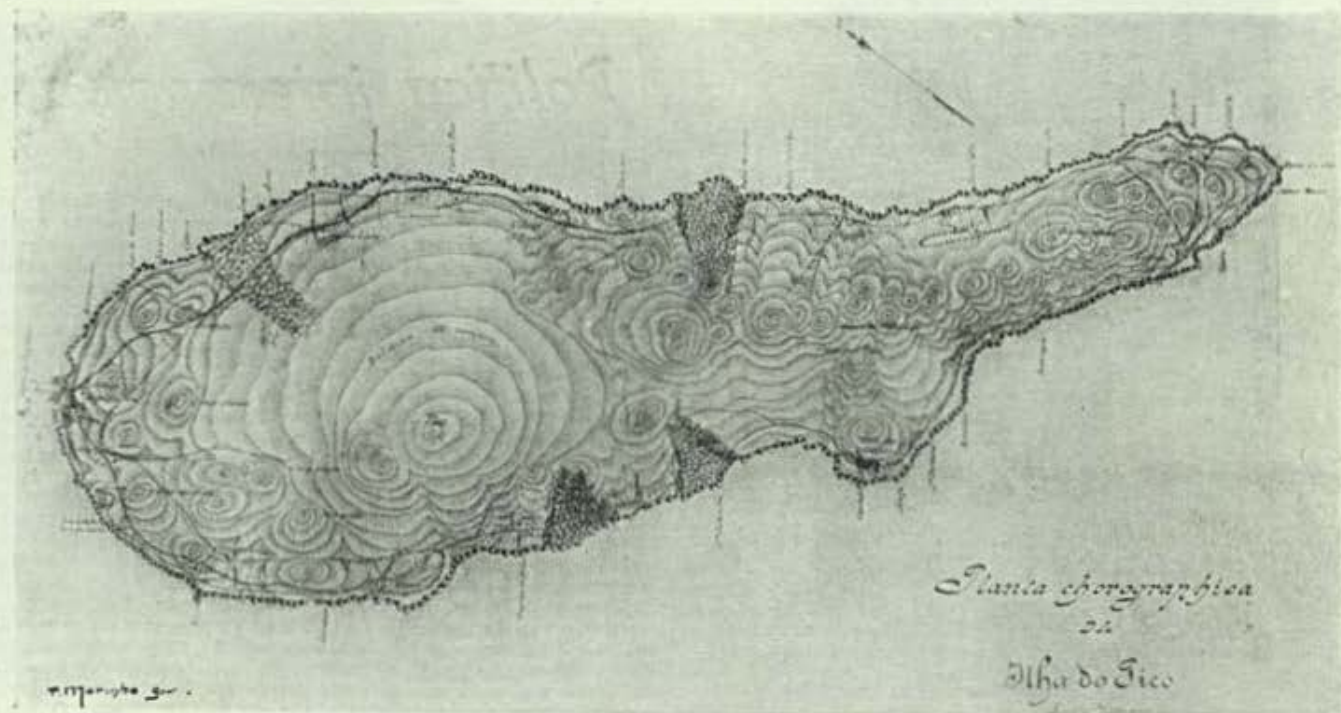
Na Inglaterra o partido liberal ou antes o governo começa a manifestar umas certas hesitações, que não são de bom agouro para a união da maioria que apoia o gabinete. Sente-se que ao leme da barca governativa não vae timoneiro de forte pulso e intimo conhecimento dos baixios da politica. Por mais que os jornaes liberaes o apregõem, não ha duvida que a estatura de Sir Henry Campbell-Bannerman é muito inferior á media dos ultimos primeiros ministros do Reino Unido. Está muito longe de pessoalmente ter o valor e o prestigio de um Balfour, de um Salisbury, de um Rosebery ou de um Gladstone, para não mencionar senão os seus mais proximos predecessores. Dahi a indecisão que por vezes se tem já manifestado na marcha do gabinete e o descontentamento que começa a lavar nas

fileiras dos seus partidarios. Ha dias esteve o governo, apesar da grande maioria que possui, para ser batido na Camara dos Communs a proposito da questão do trabalho chinês na Africa do Sul. Valeu-lhe apenas a trica parlamentar de prolongar a discussão até ao dia seguinte, trica que o livrou de ter uma significativa votação em contrario. Com respeito á reforma do *bill* da instrucção, um dos pontos mais capitais do programma liberal, as concessões feitas pelo ministro da instrucção publica aos conservadores, concessões que foram altamente louvadas pelo sr. Balfour, produziram enorme irritação entre os mais avançados defensores do governo, e é mesmo de temer uma scisão na maioria se o governo não emendar a mão e não procurar attenuar o mau effeito da concessão annunciada. Juntem-se a estes inquietadores symptomas na politica interior a circumstancia de na politica externa o ministerio se vêr obrigado a seguir sem a mais pequena alteração a politica do gabinete conservador, que é unanimemente approvada pelo paiz, e vêr-se-ha que a situação de Sir Henry Campbell-Bannerman não é tão desafogada nem tão isenta de preocupações como o poderia fazer suppôr a enorme victoria, que junto das urnas alcançou. Ha o que quer que é na physiognomia do actual governo inglez, que lhe dá uma apparencia frusta e incacterística. Não seria mesmo para admirar se qualquer dia, mais proximo do que se julga, principiasse o reviramento da opinião publica a manifestar-se.

A crise hespanhola, que no começo d'este artigo nós previmos para breve, teve finalmente o seu desfecho, e tal qual se nos affigou dada a actual situação politica do paiz vizinho. Depois de muitas conferencias com o presidente do conselho, e depois de reiterar muitas vezes ao governo a sua absoluta confiança, Affonso XIII acabou por negar ao sr. Moret a dissolução da camara, tendo o gabinete por consequencia de se demittir. Vê-se que Affonso XIII, apesar de novo na idade e de ser novato no officio de reinar, conhece a fundo todos os *distinguos* da arte de illudir os seus ministros, fingindo ouvir-lhes os conselhos, mas acabando por fazer o que melhor lhe convem. O processo de afirmar incondicional confiança a um ministerio e recusar-lhe depois os meios d'elle governar não é decerto novo na historia das diferentes monarchias europeias, mas talvez nunca houvesse sido tão machiavelicamente posto em pratica. Escudou-se Affonso XIII com o respeito á constituição e com o seu amor á representação popular, mas seria bem ingenuo quem acreditasse que tivessem sido esses os motivos do acto de el-rei. E a razão é simples. A dissolução que o monarcha negou agora ao sr. Moret vae dal-a ámanhã ao general Lopes Dominguez ou mais provavelmente ainda ao sr. Maura, futuro e proximo successor do actual presidente do conselho. A differença consistirá apenas em que as novas eleições presididas pelo sr. Moret dariam como resultado uma camara liberal, e presididas pelo sr. Maura fabricarão umas côrtes reaccionarias e clericas. De certo Sua Magestade catholica não tem illusões a este respeito.

A recusa de conceder ao sr. Moret o decreto da dissolução não se inspirou pois nos bons principios liberaes. Obedeceu apenas, como é bem transparente, a uma intriga palaciana urdida pelo proprio

## A ILHA DO PICO — AÇORES



A ilha do Pico tem, na sua maxima altura, 2.320 metros. Vem-lhe o nome do seu pico vulcanico. A superficie da ilha é de 455 kilometros quadrados. Conta 20.000 habitantes, e a villa das Lages, de que damos uma gravura, 3.000. Abunda em pinhos, produção muito reduzida nos ultimos annos, por motivo do *phylloxera*. É a ilha mais pittoresca dos Açores pela sua situação e configuração.

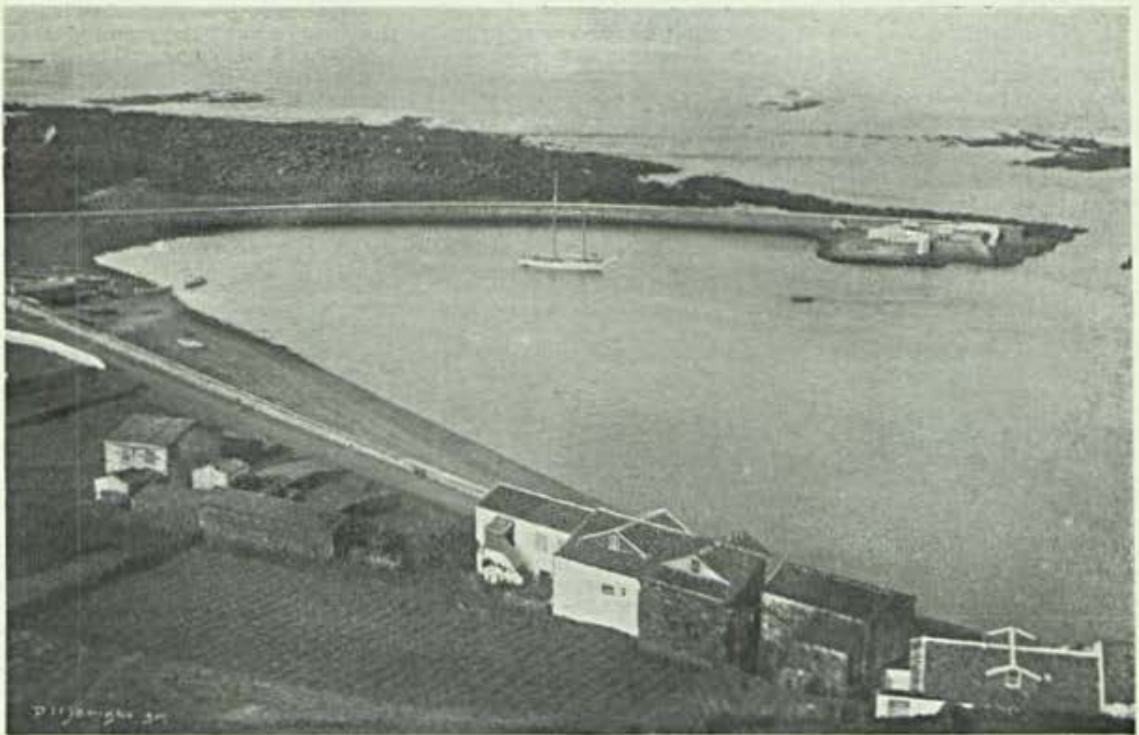
sr. Maura. Já bastantes lendas se teem formado em torno do jovem monarcha hespanhol, para que seja necessario espalhar mais esta do seu liberalismo. A verdade é que Affonso XIII está inteiramente dominado pela camarilha reaccionaria que o rodeia, e que para esta camarilha só D. Antonio Maura é *persona grata*. Dahi a solução que teve a crise.

Entretanto deve confessar-se que outro elemento houve que determinou a queda do gabinete. Por grande que seja a influencia do sr. Maura nos circulos palacianos, que por seu turno influem no animo do rei, não poderia Affonso XIII ter tratado com tanta semcerimonia o sr. Moret, se todo o partido liberal unido houvesse formado ao lado do ex-presidente do conselho. Mas não. Os mais valiosos elementos liberaes, a começar pelo sr. Montero Rios abandonaram o ex-presidente do conselho á sua sorte, tirando assim a desforra do que o sr. Moret em tempos fizera para se apossar da chefatura. Entre a hostilidade dos conservadores e a defeecção dos liberaes Moret devia cair.

O novo governo é apenas, como já lhe chamam, um ministerio de verão. O seu chefe mesmo em novo nunca teve grande prestigio. Hoje velho não passa de uma reliquia sem valor de especie alguma. De modo que, passados os calores do estio e as brisas refrigerantes do outono, entrará outra vez em scena o sr. Maura, a maior calamidade politica que pôde cair sobre a pobre Hespanha.

E a isto chegou o paiz vizinho!...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Villa das Lages — na ilha do Pico

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

### VII

*Uma maxima profunda e confortativa cuja paternidade poderia ser muito disputada. — Outra maxima tão profunda mas menos confortativa que nada fica devendo á segunda. — Falta de assumpto. — A Politica em soccorro da Chronica. — Governar á inglaterra. — O que diz o sr. Colen. — Difficultades da adaptacão a Portugal do governo á inglaterra. — Um discurso do ministro operario Burns. — A sogra em Inglaterra e a sogra em Portugal. — Conclusões. — A galopinagem em Inglaterra. — A duquesa de Deshovre compra coloz á beijos. — Vão lá fazer o mesmo em Portugal. — Resultados. — O Congresso republicano e a conferencia do sr. João Franco no Porto. — Approximações. — A paz dos reis.*

Para fazer perdiz com mólho de villão, torna-se necessario, em primeiro lugar, ter uma perdiz. Esta maxima, profunda e confortativa, é attribuida a varios pensadores: La Rochefoucauld, Tocqueville, conselheiro Bastos. Qual d'elles poderia reivindicar a paternidade de tão sublime sentença? Ninguem o saberá dizer; mas toda a gente convirá que qualquer d'elles era muito capaz de a legar á posteridade.

Paraphraseando, direi que para fazer uma Chronica torna-se necessario, em primeiro lugar, ter assumpto. Por esta sentença, que nada fica a dever á da perdiz, não solicitarei a carta de conselho nem registo especial na Sabedoria das Nações. Mas espero que quem leia estas linhas me faça a justiça de pensar que tenho razão.

Effectivamente, a quinzena finda não foi fértil em acontecimentos dignos de registar n'esta Revista; antes pelo contrario. Houve os costumes incendios, as habituaes facadas, as gatunices do estylo, os atropellamentos que são o pão nosso de cada dia. Mas esses proprios acontecimentos minimos — minimos para quem não tivesse o fogo em casa, a facada no ventre, a gatunice pela algebeira e o atropella-

mento no espinhaço — esses proprios acontecimentos, que passam á historia nos mappas policiaes entre os boccejos e a indiferença geral, foram n'um numero muito restricto, tão restricto, que os leitores dos jornaes nóticiosos chegaram a convencer-se de que até n'essas occorrencias se fizera sentir a acção economica e moralisadora do Governo, permitindo apenas as necessarias para justificar a existencia dos bombeiros, dos faquistas, dos gatunos, dos automoveis e da policia civil.

Cã estou eu, bem a meu pesar, em frente da Politica. Mas que querem! A propria escassez de acontecimentos deixa em destaque essa famosa matrona, mettendo-m'a á cara. Quer queira, quer não, n'ella tenho de pensar, d'ella tenho que escrever. No fundo, no meu intimo, confesso-me muito grato a esta perversa. Que seria de mim n'este terrivel momento, com um caderno de papel em branco na minha frente, sem uma nota no canhenho, se não fosse a Politica?

Correu as sete partidas do mundo a noticia de que o ministerio ia governar á ingleza. Não sei quem lançou a nova á publicidade; o que sei é que ella passou pelas columnas dos jornaes e pela bocca de toda a gente sem levantar protestos, o que leva a crer na sua veracidade.

O caso é que todo o paiz está sciente e parece exultar com a noticia, conquanto ninguem se julgue habilitado a explicar aos proprios botões o que é isto: governar á ingleza. Mas seja lá o que fór, sempre ha-de ser melhor que o processo de governar o paiz como roupa de francezes. Seja o que Deus Nosso Senhor quizer. Por sim, por não, vamos encommendando as nossas almas á Clemencia Suprema e preparemo-nos para todas as eventualidades, mesmo... as melhores.

No meio da ignorancia geral e nas columnas das *Novidades*, surtiu a prosa inconfundivel do sr. Barbosa Colen tentando fazer luz na treva do desconhecimento geral da novissima panacea. O sr. Colen, a bem dizer, não fez luz sobre o caso; apenas demonstrou que os processos até agora seguidos pelo gabinete portuguez divergiam em absoluto das formulas de governo inglezas. Assim, o orçamento que vae ser apresentado ás côrtes é um calhamaço medonhento e o orçamento inglez é coisa tão concisa e precisa que cabe n'um calendario-brinde do Baeta Dias. E citou um ministro da fazenda, o sr. Churchill, que faz o orçamento do seu ministerio no verso d'um cartão de visita.

Acrescentou o illustre jornalista ser impossivel a adaptacão do systema de governo inglez a Portugal por todas as razões e mais uma — a de não sermos inglezes. Apoiado.

E n'esta altura seja-me licito metter a minha colherada em abono e reforço da opinião das *Novidades*.

Uma gazeta ingleza, muito interessante e considerada, publicava ha dias noticia de um banquete, realisado em Manchester, a que presidiu o ministro operario John Burns. Tratava-se, se bem me recordo, de festejar a inauguração de uma grande empresa de viacão electrica. O ministro operario recordou, n'um discurso, que fóra elle quem, em 1881, construira e conduziria o primeiro *tramway* na Inglaterra. E referiu curiosos pormenores do caso. Quando chegou o momento de fazer as experiencias, Burns convidou muita gente para ir com elle no carro; mas os inglezes, apesar de serem pessoas muito corajosas, frias e destemidas, não estiveram pelos ajustes e o

nosso Burns teve de fazer as primeiras viagens só. E por mais que convidasse, pedisse, instasse, ninguém se resolvia a acompanhá-lo. Ia já a arrelhar com o caso quando se lembrou de levar consigo a esposa. Seu dito, seu feito. A madama tomou logar no maximbombo ao lado do seu homem e, como boa esposa que é, correu os perigos das viagens realizadas durante dias seguidos. Mas a respeito de ingliezes... os senhores viram-os? Pois nem o Burns.

Meio descoroçoado já com a historia occorreu-lhe outra ideia e esta genial. Levou a sogra! Convidou a fera e — de pasmo não sei como o conte! — ella aceitou. No dia immediato eram já tres os tripulantes do carro.

Operou-se uma revolução no espirito publico. Pudera, realisar-se a experiencia suprema: o carro era á prova de sogra! O vehiculo, até então abandonado, foi assaltado pela multidão e dois dias depois não havia um gaitero que não fizesse a apologia do novo systema de viação.

Terminando o seu discurso, Burns disse: « Isto prova que, quando o marido, a mulher e a sogra trabalham juntos, pôde-se estar seguro do triumpho ».

Por aqui se vê — e era a isto que eu queria chegar — quanto vai ser difficil em Portugal a adaptação do governo á inglieza.

Em primeiro logar, nunca houve entre nós ministros inventores.

Em segundo logar, admitindo que um ministro inventasse um systema de locomoção nunca faria as experiencias porque a sogra dal-o-ia por doído e a creatura ficava perdida para todos os dias da sua negra vida.

Em terceiro logar, admitindo a absurda hypothese de que a sogra ficasse satisfeita — o verdadeiro impossivel, porque as sogras em Portugal nunca estão satisfeitas com coisa alguma — não tomaria logar no carro.

Em quarto logar, admitindo que a sogra se mettesse no vehiculo, a viagem nunca seria feliz, porque infallivelmente tudo ficaria em cavacos.

E, finalmente, se tudo se passasse entre nós como se passou na Inglaterra, ou se algum ministro cahisse em fazer suas as palavras de Burns, n'um banquete, toda a gente diria:

— Mal empregado homem. Tem talento por dois; mas aquelle vicio de se metter pelas bebidas... Mal empregado! Mal empregado!

E era um homem ao mar.

Isto é o panno de amostra. Muito e muito mais poderia eu dizer em desabono da adaptação á Portugal dos processos de governar em Inglaterra. Mas não estou aqui para arrelhar o sr. João Franco, nem tão pouco para preconisar o systema de governo até agora seguido entre nós. Contudo, permita-se-me mais uma citação, não de caso do governo, mas d'um caso de desgoverno que lhe anda muito ligado — as eleições.

— Na Inglaterra as eleições são mais renhidas, muito mais disputadas que entre nós. Apaixonam até á loucura. A eleição, na Gran Bretanha, tem foros de sport. Interessa por igual homens e mulheres; mas muito mais as mulheres, que galopinam furiosamente por todos os meios decentes e rasoaveis ao seu alcance.

Imaginem que a duqueza de Deshonvire quiz forçosamente mandar á camara popular um candidato da sua sympathia. A eleição estava muito tremida. A duqueza, mulher formosissima, vendo-se correr o risco de um cheque formidavel, teve uma ideia verdadeiramente inglieza; comprar votos a beijos!

Correu o circulo por onde o seu candidato se apresentava, palmo a palmo, e entrou em combinações, ou o que é melhor em negociações, com todos os eleitores. E o caso é que andava radiante.

Chegou por fim o dia da eleição e com grande pasmo e arrelia do governo, o candidato da duqueza, que era opposicionista, obteve uma votação formidavel, derrotando vergonhosamente o seu adversario.

O feliz deputado correu ao palacio ducal, radiante. E gritou á duqueza mal a viu assomar a uma porta:

— Oito mil setecentos e quarenta e dois votos de maioria!

A duqueza de Deshonvire abriu uma microscopica carteirinha que consultou ao passo que inquiria:

— Quantos disse?

— Oito mil setecentos e quarenta e dois.

— Exactamente.

— Oh duqueza, pois sabia o numero preciso dos meus votos?!

— Tanto, não, respondeu a formosa mulher, — mas sabia o numero de beijos que elles me custaram.

Este systema de galopinagem generalizou-se e actualmente não tem conta as senhoras que em Inglaterra trabalham nas eleições por tal processo de suborno, creando altissimas difficuldades aos governos, que se sentem nada idoneos para uma lucta tão singularmente travada...

Ora digam-me lá sinceramente — é escusado os senhores homens mexerem-se; não falo com elles; dirijo-me á senhoras — digam-me lá com franqueza: haveria em Portugal uma dama — uma só! — capaz de, por paixão politica, pôr em pratica este processo eleitoral?

Duvido.

Mas admittamos a hypothese de haver.

Que clamor não levantaria essa singular maneira de trabalhar eleições por parte do marido e dos paes das damas galopins e ainda por parte das esposas dos eleitores? E o inimigo commum — as sogras?

E, depois, os abusos que se commetteriam á sombra de tal processo!...

Quantas vezes succederia ir um austero chefe de familia para casa e encontrar na sala de visitas a filha beijando o primo?

— Que quer isto dizer?! perguntaria rubro de colera o digno cavalheiro. — Que infamia é esta?!...

— Infamia! repetiria irada e indignadissima a menina. — Veja lá como fala, papá! Estou montando a machina eleitoral!

E o paé havia de pegar-lhe com um trapo quente.

Não, não! O governo ha-de reconsiderar e d'essa reconsideração resultará desistir da sua tentativa de adaptação.

O unico processo inglez compativel com a nossa boa indole é o usado por aquelle nosso fiel alliado que quiz habituar um cavallo a não comer, morrendo o animal da experiencia. Esse, que tem sido experimentado até o presente com exito, sim; tanto mais que nós somos tão infelizes que, ao contrario do que succedeu ao cavallo do inglez, vamos resistindo.

O Congresso do partido republicano e as declarações do chefe do governo, no Porto, merecem menção não só pela grande importancia das affirmações feitas pelos homens mais eminentes da facção anti-dynastica e pelo sr. conselheiro João Franco, como tambem, e muito especialmente, por se inferir d'essas declarações que republicanos e governo querem... uma e a mesma coisa, aparte, é claro, a mudança de instituições. Isto mesmo frizou o sr. presidente do conselho, muito judiciosamente, no seu brilhante discurso pronunciado no theatro Principe Real, pedindo o apoio dos portuenses para o governo, a fim de lhe facilitarem a obra moralisadora de, como se costuma dizer, metter tudo nos eixos.

Tanto o Congresso como a Conferencia do chefe do governo correram com enthusiasmo, havendo palmas, vivas e apoiados em barda. N'um rigoroso balanço dado a estes dois importantes acontecimentos politicos, verifiquei que o Congresso incluíra um numero interessante a mais: o toque da *Marselhesa*, ao piano, pelo congressista Aurelio da Paz dos Reis, á chegada do sr. dr. Manuel de Arriaga. Mas o caso não tem influencia na marcha dos acontecimentos porque em quanto os republicanos, cá e em toda a parte, se limitarem a afirmar a sua força pelo toque da *Marselhesa* executado por Paz dos Reis — podem os reis viver em paz...

CAMARA LIMA.



## Onde canta o Sabiá



Dr. Afonso Penna

Presidente eleito dos E. U. do Brasil

## Os padres Chartreux

É interessante a historia dos padres Chartreux, que ultimamente assentaram os seus arraiaes em Tarragona, depois de abandonarem a França, de onde a extinção das ordens religiosas os banii para sempre. Os ultimos acontecimentos politicos d'aquelle paiz despojaram-os dos seus bens e do convento que possuam na Grande Chartreuse. Expulsos da sua patria, acolheram-se á Catalunha e ahi installaram, patrocinados pela *Union Agricola*, uma nova fabrica de distillação do saboroso licôr tão conhecido e apreciado em todo o mundo.

Vem de molde algumas notas historicas sobre a região da Grande Chartreuse e sobre o mosteiro do mesmo nome que durante muitos annos serviu de morada aos reverendos.

A Grande Chartreuse é um grande agrupamento de montanhas limitado ao N. pelo Rhône, por Chambéry a E., pelo Isère ao S., e pelos valles de Guiers-Mort, Hérétang e Roise a O.

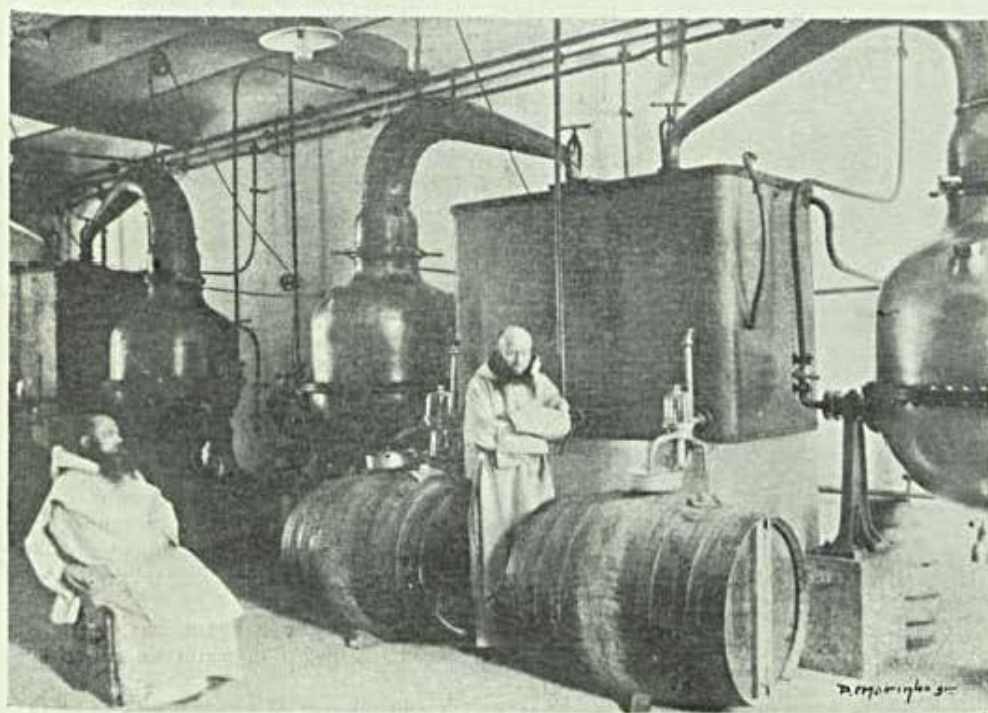
Todas as aguas convergem para o Rhône. Toda a região

é abundantissima em pastagens e florestas, cobrindo estas uma area de 6:000 hectares.

A *Grande Chartreuse*, mosteiro, está situada nas terras de S. Pedro de Chartreuse, do departamento do Isère. Foi fundado em 1084 por S. Bruno. A principio compunha-se de um grupo de edificações modestas erigidas entre as actuaes capellas de S. Bruno e Notre Dame de *Casalibus*. Em 1132 o estabelecimento foi quasi completamente destruido por uma



Tarragona. — Fachada da fabrica



Tarragona. — Os alambiques

avalanche. Poucos annos depois o prior Guigues reconstruiu-o. Do seculo XIV ao seculo XVIII o mosteiro foi incendiado oito vezes. O incendio que mais estragos causou foi o de 1562, mandado atear pelo barão Adrets. Em seguida ao ultimo, em 1676, D. Innocent Le Masson, fel-o reedificar tal como hoje existe.

Vem de longe a fabricação dos licores que tem o nome do celebre mosteiro. O mais antigo — «elixir vegetal» — data de 1602 e a sua receita foi dada pelo marechal Destrées aos Chartreux de Paris, que por seu turno a enviaram á Grande Chartreuse em 1715, em vista da difficuldade de obterem em Paris as plantas necessarias á sua manipulação. Essa receita foi modificada pelo irmão Jeronymo Maubée, chimico muito habil, e é a mesma de que ainda hoje se servem os religiosos. Quasi por essa mesma época inventou-se tambem a formula do «licor verde».

Quando rebentou a revolução franceza, tendo morrido o geral da ordem, D. Hilarion Robinet, um official da casa, Sebastião Paluis, poz em logar seguro os documentos originaes que continham as duas receitas. Pouco depois era preso e desterrado, mas o segredo achava-se a bom recato — nas

mãos do vigário da cartuxa de Prémol, Antonio Nantas. Decretára-se a dispersão das ordens religiosas, e os padres Chartreux foram atingidos. Só em 1816 alguns, que sobreviveram á dispersão da Ordem, voltaram para a Grande Chartreuse, onde viveram pobremente até que em 1857 lhes foi

Desde então começou a procura d'esses productos, e como a fabrica era já insufficiente installou-se uma nova distillação em Fourvoirie, ficando no mosteiro todo o trabalho da manipulação.

Desappareceu então a pobreza dos Cartuxos e a sua ac-



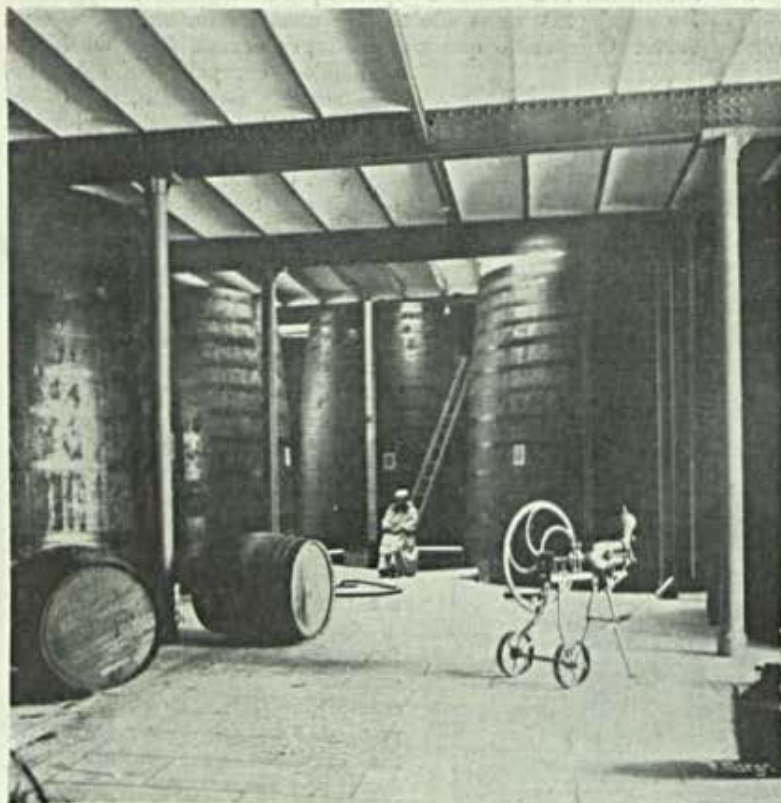
Tarragona. — Um dos armazens para licor engarrafado

entregue parte dos antigos domínios. O vandalismo e a acção do tempo tinham arruinado o convento. Vem d'essa época a vulgarisação do «licor amarello», inventado annos antes pelo procurador Luiz Garnier, que teve como auxiliars um leigo e um creado.

ção benéfica fez-se desde logo sentir entre os pobres e nas innumerables obras de caridade instituidas por elles.

Mas estava escrito que os padres Chartreux, um momento em repouso, teriam de seguir o seu destino de judeus errantes. Expulsas as ordens religiosas saíram de novo da França, resignados, levando consigo os escapularios e as suas receitas, e foram procurar em outro paiz hospitaleiro um novo campo para a sua industria, hoje florescente, e de que a Hespanha tanto tem a luerar.

Tarragona, a cidade escolhida, conta trinta mil habitantes, e assenta n'uma collina que domina o mar. E' uma cidade antiquissima, do tempo dos phenicios. Scipião fez d'ella, durante as guerras punicas, uma praça forte. Augusto e Adriano embellezaram-a. Os visigodos devastaram-a em 487. Os moiros conquistaram-a em 714. Em 1705 foi incendiada pelos inglezes, e em 1811 muito soffreu quando foi tomada de assalto pelas tropas do marechal Suchet.



Tarragona. — As grandes finas em que se deixa envelhecer o alcool

A nova fabrica, de que publicamos um aspecto, foi edificada na *plaza de los Infantes*, a dois passos do caes e da estação do caminho de ferro.

Na nossa passagem por Tarragona, visitámos esse grandioso estabelecimento, guiados pelos padres Chartreux, bondosos e hospitaleiros.

São dignas de nota as varias installações, e sobretudo os enormes depositos em que, em repouso, se deixa envelhecer o alcool, na frescura de enormes adegas. O visitante é sempre intrigado perante mais de cinquenta grandes caixas, hermeticamente fechadas, e perante o sorriso enigmatico dos religiosos.

— Isto que é?

— Isto, respondem nos, é a nossa caixa forte, a nossa boceta de Pandora, o deposito do nosso segredo...

E as caixas são abertas ás vezes a alguns profanos privilegiados: e nós vemos então, em monte, flo-



res murchas, folhas seccas, raizes, cascas de arvores. São os ingredientes que entram na composição dos licores — mais de duzentos! — e que vão combinar-se depois com a aguardente de vinhos, cuidadosamente distillados, e em que aquella região privilegiada abunda.

A fabrica, enorme, é dotada de todos os aperfeiçoamentos modernos, e não obstante ser de construcção recente, tem já uma produção espantosa. A França arredou esta industria. A Hespanha perfilhou-a. Os resultados são já palpaveis e Tarragona progride a olhos vistos.

O *Brasil-Portugal* estampa hoje alguns aspectos da fabrica, que dão ideia approximada da importancia e magnificencia do edificio.

## Dialogo

— Fabia: eu não sei que fazes  
Que ainda não comprehendi  
Como, só de olhar p'ra ti,  
Entontecem os rapazes!  
— Amizades do morgado,  
Ora, cuida que não sei?  
Mas para que tanto agrado?

— Não sabes, Fabia? — Ouvirei...

— Sim? ouvirás?... Pois então  
Lá vai, Fabia querida:  
O Alfredo, um toleirão,  
Rude, sem modo de vida,  
Segue-te...

— Folgo, senhor  
Com a sua affirmação.

— Pois também...

— Ou o amor

Não fosse do coração...

— Confessas então que o amas?

É com effeito o feliz,  
Esse homem, a quem tu chamas  
Teu eleito?

— Não se diz...

— Comprehendo: amas em segredo,  
Pela noute, ás escondidas...  
Tontinha! Amar um *penedo*,  
Cazar c'um lesma!

— São vidas

— Mal empregada belleza  
Em quem lhe não dá apreço,  
Fabia. Não ha riqueza,  
Não ha joia d'alto preço  
Que pague uma formosura  
De mulher. E, tão formosa,  
Tu, Fabia, tão moça e pura,  
Podias ser tão ditosa...  
Sim! talvez uma rainha  
Da mais alta cotação!  
Estou em crêr, Fabiasinha,  
Que te illude o coração...  
— Mais do que isso, muito mais  
Espero eu ser *sôr* morgado...

— ?!  
— Olhando pelos trigacs  
E segurando ao arado,  
Que duvida? Na cidade  
Já eu amei uma vez;  
Mas, lá, não ha lealdade.  
Ha, sim, quem as tenha... ás tres!  
E certo! Por isso, agora...  
Sequer ao menos *converso*  
Com fôrma p'r'o meu pé.

— Ora  
Adeus! Mas é um vadio,  
Um vil!

— Não é tanto assim:  
*Elle* trabalha, tem brio;  
Lá estar bem... só junto a mim —  
E não ser da b'leza a palma...  
— Oh! é feio; e anda mal posto!  
— Mas, se a gente amá co'a alma,  
Que importa o traço ou o rosto?

Porto.

David da Silva.

## Os homens do futuro... em 1891



Estudantes de Coimbra e de Lisboa, promotores da Federação Academica

Da esquerda para a direita, 1.º plano: Chrispiniano da Fonseca († no Rio de Janeiro) — Silvestre Falcão — Peres Sanches  
Hygino de Sousa († em Lisboa) — José de Mattos Braamcamp — Affonso de Lemos

2.º plano: Frederico Ramires — ? — Santiago Peres Ponce y Sanches, medico em Alcobça — Cunha e Costa — ? — ?

# A invasão franceza

CONCURSO DE TIRO — Distribuição de premios em 30 de junho

A expressão de uso corrente no nosso povo, sobretudo nas terras mais ricas do Alentejo — *roupa de francezes* —, attesta sobrejamente o quanto foi theatro de rapina para as tropas de Napoleão a nossa terra, que os azarés da sorte ao cerrar dos ultimos e brilhantes reinados da segunda dynastia tornaram mais fadada para festas de egreja, do que para as luctas briosas nos mares e nos campos de batalha.

Oiro, prata, sedas, numerosos objectos de arte, tudo o que estava representando a opulencia dos tempos mais felizes, em que dominámos meio mundo, preciosos despojos a lembrarem o lendario Oriente, as longinquoas terras do Novo Mundo, tudo ia desaparecendo na voragem.

Quando despertou a fibra patriótica e por montes e valles começaram a juncar os campos os soldados do invasor a cada passo dizimados pelos camponezes, algumas d'essas preciosidades, mettidas a saque, com os seus ultimos possuidores se foram dispersando pelo sólo não chegando a ser companheiras das que ornão na actualidade os musens francezes, e, ou mudaram de dono pela rapina dos nossos, ou voltaram para os primitivos logares.

Ainda muitos annos depois houve negociações entre França e Portugal para rehavermos a posse do que por direito era nosso.

No jornal *O Manuelinho de Evora*, vieram publicados interessantes documentos, relativos a essa triste época, que será sempre para nós bem pungente o recordar pelo enervamento e pelo obscurantismo a que chegou um povo, que tanto tinha avançado na vanguarda da civilisação, em que poucos homens se contavam com o condão de racionalidade.

No alludido jornal, pela copia dos escriptos do tão celebre, como illustre, prelado D. fr. Manuel do Cenaculo, se pôde fazer idéa do que foi para aquella cidade o mez de julho d'aquelle anno.

No numero de 3 de julho de 1883, veem as seguintes interessantes noticias:

«Os francezes entraram aqui pela primeira vez em 11 de abril de 1808, sem encontrar resistencia. Em maio distribuiu-se a contribuição de guerra; foi a primeira colheita de dinheiro, generos, das pratas das egrejas, etc. Essa contribuição foi lançada por classes, proprietarios, commercio, corporações religiosas, etc. A estes factos se referem os dois documentos seguintes:

— Sendo-me incumbido pelo ex.<sup>mo</sup> sr. general commandante da divisão e governador d'esta provincia, o fornecimento dos viveres e forragens para um esquadro de 300 dragões francezes, que vem guarnecer esta cidade, e sendo por isso necessario apromptar por ora carne, vinho, azeite, arroz ou feijão, e sal necessario para sua subsistencia, e querendo eu n'esta diligencia obrar com a possivel egualdade e justiça, vou rogar a V. S.<sup>sa</sup> em nome de S. M. I. e R., que hajam de nomear uma ou mais pessoas que forneçam estes generos, na certeza e promessa do mesmo ex.<sup>mo</sup> sr. de que tudo ha de ser pago por um arrematante que tomou esta empreza, e que deverá aqui mandar apromptar os dinheiros necessarios, sendo necessario este adiantamento para acudir ás necessidades repentinãs emquanto não chega o digno fornecedor. E do que V. S.<sup>sa</sup> determinarem me darão conta hoje mesmo. Evora 8 de abril de 1808 — Srs. Vereadores do Senado de Evora.

O Corregedor da Comarca — José Antonio de Leão.»

## Contribuição do commercio lançada em maio de 1808 na Comarca de Evora

Montemor .....	2:000\$000
Extremoz .....	10:000\$000
Redondo .....	1:000\$000
Vianna .....	150\$000
Alvito .....	307\$000
Villa Nova .....	198\$000
Oriolla .....	140\$000
Aguiar .....	24\$000
Vimieiro .....	252\$800
Aguias .....	150\$000
Alcaevos .....	600\$000
Canal .....	50\$000
Lavre .....	150\$000
Mou'ito .....	100\$000
Pavia .....	130\$000
Barrancos .....	100\$000
Evora .....	12:648\$200
Total .....	28:000\$000

Sob a mesma epigrapha — *Evora em 1808* — e em artigo tambem devido ás excavações historicas do erudito investigador, o sr. Gabriel Pereira, vem a seguinte curiosa:

«Nota policial. Pela Hespanha tem vagado um general francez por nome Gouliert, vestido com o habito de monge de S. Jeronymo, e acompanhado de outro com o mesmo habito. O dito general é o mais moço de todos.

Traz passaporte hespanhol, foi visto em Toledo em 8 do corrente, e parecia encaminhar-se á Andaluza. E' provavel que tenham mudado de traje, pois assim o praticaram em algumas terras de Hespanha.

O modo de ser conhecido é pela pronuncia da voz que pessoas avezadas á lingua hespanhola podem conhecer se é pura ou afrancezada.

Secretaria da policia, 22 de dezembro de 1808.»



Premiados no concurso

Da esquerda para a direita: — Augusto Ferreira Pinto Basto (2.<sup>o</sup> premio) Heitor Ferreira (1.<sup>o</sup> premio)



Na carreira de tiro. — El-Rei, ministro da guerra, general Kuhembouc dos Prazeres, capitão de fragata D. Fernando de Serpa

# O tio Felix



— *Carochó!* Meu velho... então...

O cão fixou no dono o olhar amortecido. Era um rafeiro de pello negro e curto, cabeça enorme de orelhas pendentes. Prostrado a meio do arruamento e ao pé da casa, a língua caída ao canto da boca, o cão arfava penosamente.

— Então meu velho? Como te sentes tu?

E ajoelhou no chão, tomou nos braços o corpo do animal, levantou-lhe a cabeça, pondo-lhe a mão no coração: batia ainda.

— Oh! Senhor! Senhor!

E erguen os olhos para cima, para o azul. Tarde serena e morna. Ao longe tangiam choçalhos de rebanhos, descendo os montes. Os tufos de verdura tomavam tons escuros, que o sol fóra-se, e um silencio vinha a cair pelas moitas.

— Senhor! Senhor...

Uma supplica, um grito d'alma atirado á magestosa serenidade da natureza, indifferente na sua quietude. Mas ninguém o ouviu. O crepusculo continuou descendo, os choçalhos calaram-se, e só ficou esse rumor indistincto dos campos, á hora em que as nymphas modulam concertos de amor sob as folhas que dormitam. Subito o rafeiro soltou-se-lhe dos braços, recuou dois passos, o pello encrespado, as orbitas escamearadas, ficando as patas na areia, contorceu-se todo, das fauces abertas saiu-lhe um vivo agudo e prolongado, um vivo dorido como um queixume, bateu as

mãos no ar, e rolou n'um ultimo estremeção.

— Morto!

E a noite, como uma grande mortalha sombria, envolveu os dois — o cadaver do *Carochó* e os andrajos do mendigo. Porque elle era mendigo, o tio Felix, que já não parecia o mesmo. Tinham-o feito tão velho os pezares e as privações! Que seria d'elle agora sem o seu companheiro, o unico desde que lhe morrera a Annica?

— Senhor! Senhor...

Que mudez por aquellas devozas solitarias! Sessenta annos e um bordão: mais nada. Apenas o *Carochó*, morto ainda, lhe segredava umas scenas vividas entre alegrias brutalmente estranguladas ao pé d'uma cova. Lagrimas... Eu sei lá. O tio Felix já não tinha lagrimas. Chorára-as todas sobre o esquife da filha.

Um dia, muitos annos antes, appareceu na villa um pobre, seguido por um bello rafeiro possante, e levando pela mão uma cachopita descalça — um encanto pequenino, uma deliciosa miniatura furtada a alguma tela de Rubens.

— Uma esmolinha! dizia elle ao passo que a creança ficava os olhos muito abertos e muito curiosos nos escaparates em que luziam lantejoilas e formosas bonecas envernizadas.

— Como te chamas tu, linda?

— Eu cá sou Annica... papagueava ella com a sua vizinha infantil, cheia de modulações musicaes.

N'essa mesma noite dormiram os tres debaixo de telha, e de ali em deante, a Annica teve uma protectora — a sr.<sup>a</sup> morgada: o velho ficou empregado na quinta.

Vida nova.

O tio Felix partia de manhã para o seu trabalho no jardim e na casita alegre e cheia de luz ficavam os dois revolucionarios, ella e o *Carochó*. E que bellos saltos, que doidas correrias pela areia doirada das alamedas, á sombra fresca dos choupos, ella vermelha, cabellos soltos, os labios abertos em risos, elle offegante, o pello eriçado, acoorando-se atraz das moitas floridas, e espreitando-a de longe com olhos sorrateiros para a surprehender de repente.

E quando a Annica, prostrada de fadiga, adormecia á beira do lago, na relva macia dos canteiros, o *Carochó* deitava-se-lhe ao pé, olho vigilante, muito calado, n'um silencio respeitoso, até fhear dormindo tambem, pacatamente, confiadamente.

E ás tardes, oh! ás tardes, quando o tio Felix assomava lá abaixo, ao fundo do arruamento, que santas alegrias prodigalisadas! A pequenita pendurava-se-lhe ao pescoço e o rafeiro, pondo-lhe as patas em cheio no peito, lambia-o todo...

— Eh! diabretes! que me afogam... Então... então...

Mas não ha bem que sempre dure... Tudo aquillo se desmoronou. Apenas a morgada fechou os olhos, os herdeiros venderam o casal, e os serviços do tio Felix foram dispensados. Mas deixaram-o fhear, por esmola, no mesmo casebre. Por esse tempo contava a Annica os dezeses annos.

Quando a conheci era ella uma rapariga franzina, olhos negros muito grandes e muito doces e cabellos castanhos a emmoldurarem-lhe as faces pallidas, em que havia ligeiros tons rosados — um pedaço de aurora esbatida em jaspe. Nada mais suave do que aquelle rostinho de labios vermelhos e olhar quebrado. Nada mais gentil do que esse busto gracioso, sempre curvado sobre a costura grosseira, desde que se abria a alvorada até que o sol se ia.

No inverno, quando as lufadas rijas do sul gemiam nos galhos nodosos das arvores, fazia longos serões, sentada á lareira sem lume, um velho chale nos hombros arripiados de frio. As primaveras vinham depois encontra-a á porta da choupana, sempre trabalhando, ao passo que as primeiras andorinhas gorgejavam interminaveis palestras no beiral do telhado. Não mais correrias, não mais brinquedos. Tudo isso acabára: tudo isso se sumira longe, muito longe.

O velho Felix esmolava outra vez de casal em casal, e o *Carochó*, pacato e triste, passava os dias deitado aos pés da dona. Uma desolação por toda a parte. A malvarosa do peitoril seccou por falta de agua, no quintal urtigas aos montes, nos muros listrões de musgo. Em casa então um destroço, a fome engulira a mobilia e até o leitossinho de ferro, o seu leitossinho de virgem, fóra parar ás mãos d'um agiota.

— Senhor! Senhor...

E o coração do tio Felix a confranger-se, a apertar-se. E ella sem se queixar — coitada! — nem mesmo quando uma tossesinha secca principiou a emmagrecel-a, a emmagrecel-a, que era mesmo um dó d'alma. Queixar-se para que?

A agulha entre os dedos, a cabeça pendida, ficava-se ás vezes a seismar, demoradamente n'uns sonhos cor de rosa. E ninguém a via, ninguém. Apenas o *Carochó* cravava n'ella o seu olhar sereno e doce como uma consolação.

A pobre Annica sorria-se para o amigo — surprehenden-a assim o pae um dia — pondo-lhe a mão delgada na cabeça, o grupo envolvido pelos effluvios tepidos de maio. Foi em maio, foi, que a rapariga peiorou.

Pobre do tio Felix!

Uma tarde nem eu sei como não lhe rebentaram as fibras todas do coração! ia o sol a cair no horizonte, quando a filha lhe caiu morta nos braços: uma tuberculose acabára de vez com ella.

E enquanto o tio Felix tombava redondo, e o *Carochó* poisava a cabeça nas patas, o olhar doce posto na dona, no beiral do telhado gorgejavam-se interminaveis palestras de andorinhas.

E, agora...

Nas sombras da noite avultavam as fórmãs hirtas do rafeiro. As estrellas brilhavam friamente através dos ramos cerrados do arruamento.

— Senhor! Senhor...

Mais nada.

O tio Felix já não tinha lagrimas. Chorára-as todas sobre o esquife da filha...

LOUJO TAVARES.

## Manuel Velloso de Armelim

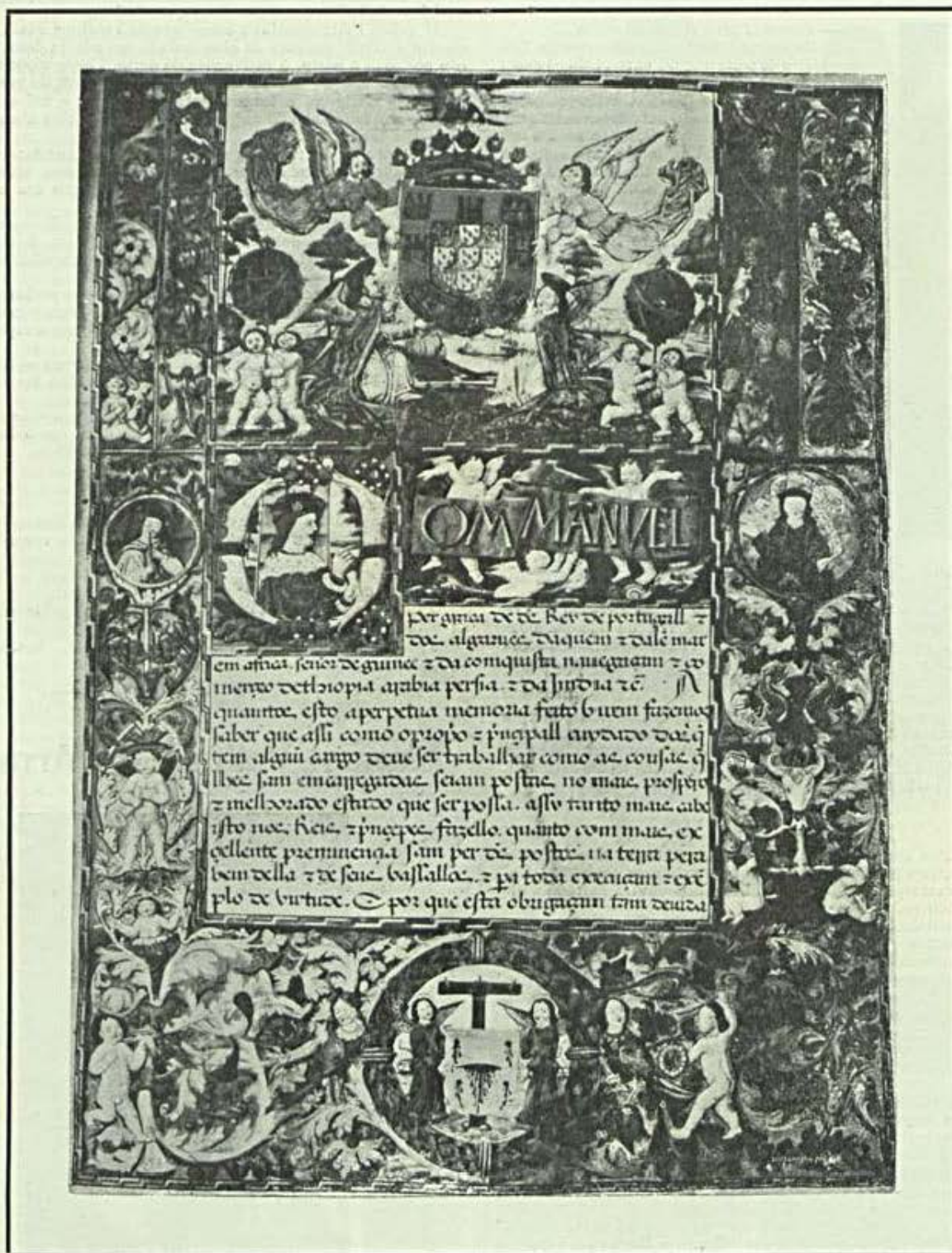


† em 1 de julho

Morreu victimado por uma apoplexia cerebral este illustre acriano. Nascera no Fayal em 1828. O sr. Velloso de Armelim, fidalgo cavalleiro da Casa Real por successão de seus maiores, descendia de uma familia distincta açoriana. Era um character recto e uma vontade de ferro, a que alliava grande bondade e lhaneza de trato.

O «Brasil-Portugal» envia pesames sentidos a seu filho, o conhecido advogado Armelim Junior, e a seu irmão, Francisco de Armelim, actualmente no Rio de Janeiro, onde exerce as funções de secretario da legação de Portugal.

# Illuminura curiosa



Portada do primeiro livro de Leitura Nova

À esquerda da iluminura vê-se o retrato d'el-rei D. Manuel (dentro da letra D). Este retrato é autenticado pela phrase "Rex pacificus magnificatus est", a qual se lê na tira de pergaminho que agita na mão esquerda a figura collocada á direita da iluminura, enquanto a outra mão aponta para o retrato do rei

# A perda de Mazagão

**E**STA praça forte, padrão do enorme esforço que soubermos desenvolver para a fundação d'esse imperio, sobre o qual *ardia sempre o sol*, como disse Oliveira Martins, é um dos mais eloquentes exemplos da falta de tino, que depois do periodo aureo da nossa historia manifestamos, de quanto podem povos e governos desastrosos.

Documenta bem essa ineptia a pagina, que se vai ler, a qual difficilmente se depara aos nossos historiadores, perdida como se acha nas notas, que acompanham o elogio necrológico de Mathews Valente do Couto, pronunciado na sessão litteraria da Academia Real das Sciencias em 9 de maio de 1849, pelo academico Francisco Recreio.

A Nota 10.<sup>a</sup> d'esse trabalho em que se exaltam os meritos de um mathematico, que tanto se illustrara no paiz e no estrangeiro, e se attesta o seu esforço e brio como soldado na fronteira africana, réza assim:

«Julgamos aqui a proposito historiar em resumo as circumstancias, que precederam, e acompanharam este fatal successo, talvez de bem poucos conhecidas. «Diz-se que um transfuga dos Marroquinos (1), d'aquelles que costumavam roubar-lhes varios objectos, como especialmente cavallos, para vi-rem vender aos Mazaganenses; o que era

muito usual; em uma occasião em que viera á Praça exercer o seu iniquo trafego, dera denuncia aos bravos defensores d'ella, que os Mouros n'um determinado dia se iam reunir em grande concorrencia na Mesquita de Sid Duchayde para dar culto ao seu Profeta. Ouviram com alvoroço a noticia os officiaes mais fogosos da Guarnição; e logo com menos prudencia, do que era de razão, entraram em desejos de cahir sobre elles, e fazer-lhes a seu salvo horrivel manfaça. — Convocou o Governador Conselho, como era de esperar; e elle com outros militares, que mais maduramente pensavam, decidiram que devia desistir da tentativa. Oito porém dos officiaes mais mocos, e de brio inconsiderado julgaram que não devia ficar sem prova a sua bravura. Com effeito, ou fosse por modo occulto, ou porque o governador importunado lh'os tolerasse, a um tempo concertado deram assalto na

Mesquita e com cruel denodo passaram á espada todos quantos falsos adoradores ali encontraram. — Escapou da sorte funesta, que coube aos seus, um unico Mouro, já velho, que immediatamente passou a narrar aos da sua nação a atrocidade, o sacrilegio, que contra os mais caros objectos da sua religião se tivera commettido. Entretanto retiraram-se os nossos mui contentes de ter saciado a sede de seu animo contra a perfidia Mauritana, o que nos Mazaganenses era virtude herdada. Custou-lhes, porém mui caro o arrojo. — O Mouro, que conseguiu evadir-se da Mesquita sem alguma lesão, levou a todos os que o ouviram a consternação com o desejo da mais exemplar vingança (2). Esconjuraram o insulto, e por toda a parte tocaram a rebate para vir de mão armada, a fim de destruir Mazagão. — Poucos mezes tardou que não batesses as portas d'esta Praça cinco Reis Mouros, vestidos todos de amarello (signal talvez do seu furor), com um sem numero de gente decidida. Tinham-se prevenido



Em flagrante

com officiaes de Artilharia, e Engenharia, Allemães, que haviam assalariado para o ataque da Praça. — N'esta crise tão arriscada que faria o Governador e a sua gente? Mandou immediatamente a El-Rei expôr a sua deploravel situação. Em quanto porém de Portugal não chegou a ordem para abandonar a Praça, e as mais providencias para o embarque, o risco tornou-se cada vez mais perigoso. — Verificou-se o bombardeamento da Praça pelos Mouros, os quaes incessantemente lhe introduziram cinco mil bombas, que destruíram todos os edificios com perda de muitos habitantes, entre os quaes se conta o sargento-mór de artilharia Luiz da Fonseca Zuzarte, Avô materno do Consocio, victima do estilhaço de uma bomba, que junto d'elle rebentára. — Tinha-se retirado antemão todo o povo inerte para as casamatas da Fortaleza, e outros escondedouros, que ficavam fóra da ruina dos tiros do inimigo. E para evitar mais algum desastre havia via-



Em flagrante

gas nas torres das igrejas, que avisavam os habitantes a toque de sino, quando os mouros despediam sobre a Praça alguma bomba. Notou-se que as que eram lançadas de dia vinham todas caídas, para que, confundidas com a luz do sol, pudessem ser menos vistas. — Entretanto a tropa não desistia de defender-se com incrível heroicidade, distinguindo-se entre outros o pai do senhor Mathews Valente, que com uma bem empregada carga de artilharia causou grande destroço ao inimigo. — A defeza porém tinha chegado já á ultima desesperação. N'estes termos decidiram unanimemente os sitiados dar primeiro cabo das mulheres e dos filhos de menor idade para não ser preza do vencedor; e depois resistir ao inimigo, combatendo até morrer. — Foi no meio de tão consternadora situação que felizmente chegaram os transportes, que o governo portuguez tinha enviado de Lisboa, para conduzir á Capital os Mazaganenses, abandonando a Praça. — Trataram instantaneamente de se embarcar, não sendo permitido a cada um d'elles, em razão do grande numero dos transportes, levar para bordo mais trem que aquelle que abrangesse um lenço de assoar. — Uma mina de polvora, que rebentou, apenas os Mouros tomaram posse da Praça, e destruiu parte das muralhas com morte de muitos d'elles, deu motivo a grave queixa dos Marroquinos contra os Mazaganenses; e é memoria ingrata, que entre aquelles até hoje dura. — Expuzemos fielmente por escripto a historia oral da perda, ou abandono da Praça de Mazagão, conforme o senhor Mathews Valente do Couto a transmittira a seus filhos, dos quaes a ouvimos.»

(1) Notavel por ter ambas as mãos decepadas; castigo vulgar (o da mutilação) que os Marroquinos davam aos ladrões.

(2) Logo o mostraram, queimado vivo n'um logar alto para ser visto dos Mazaganenses um cavallo, que deixara um dos aggressores; e espicado vivo, segundo um seu barbaro uso (que era o fazer passar por diante da victima toda a tropa, dando-lhe cada soldado uma picada) a um Portuguez, que pouco depois aprisionaram, parente ainda do senhor Mathews Valente do Couto.



Em flagrante



Em flagrante



Em flagrante



Em flagrante

# EXCAVAÇÕES

## O actor Taborda

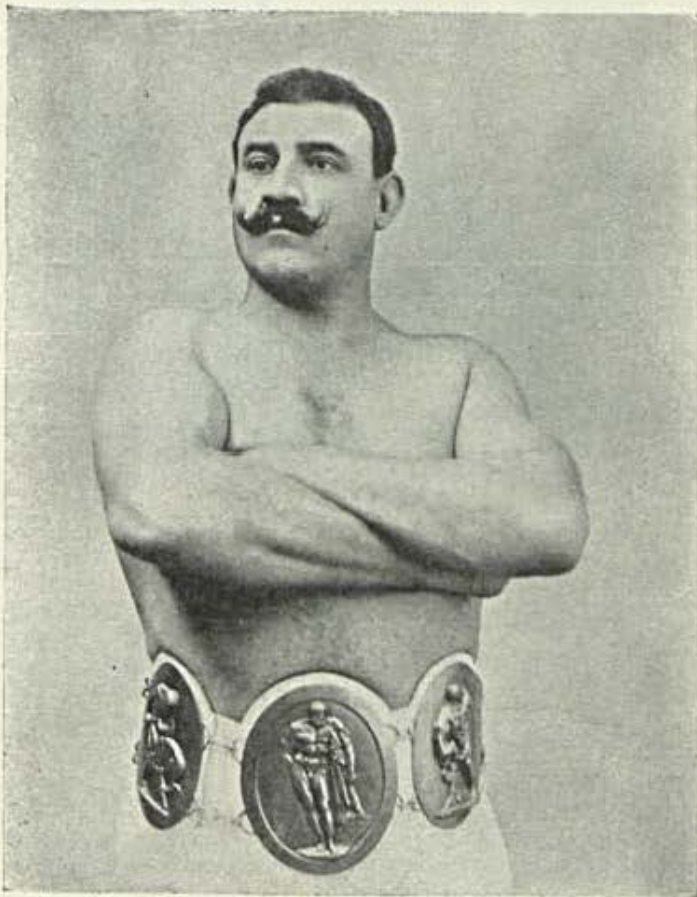


Caricatura oferecida por Bordallo Pinheiro a Taborda, na noite do seu beneficio em 13 de dezembro de 1873

# Os luctadores do campeonato

**D**esde que estão em Lisboa os luctadores do campeonato eu tenho notado que os mais espantosos admiradores, os mais apaixonados entusiastas do seu trabalho, são, d'entre nós espectadores, os mais fracasões, os mais enfêzados. Tem-me o caso feito cócegas no raciocínio, levando-me a perguntar a mim mesmo o porquê d'este facto, que pertence ao domínio da observação geral.

E á força de penetração no assumpto, pareceu-me apurar o seguinte:



**Paulo Pons!**

*Possuidor do cinto de ouro*

deante da força que se manifesta, dos musculos que na lucta se retizam, dos nervos que se crispam, da plasticia exuberante que ainda



**Limousin**

*Luctador francez*

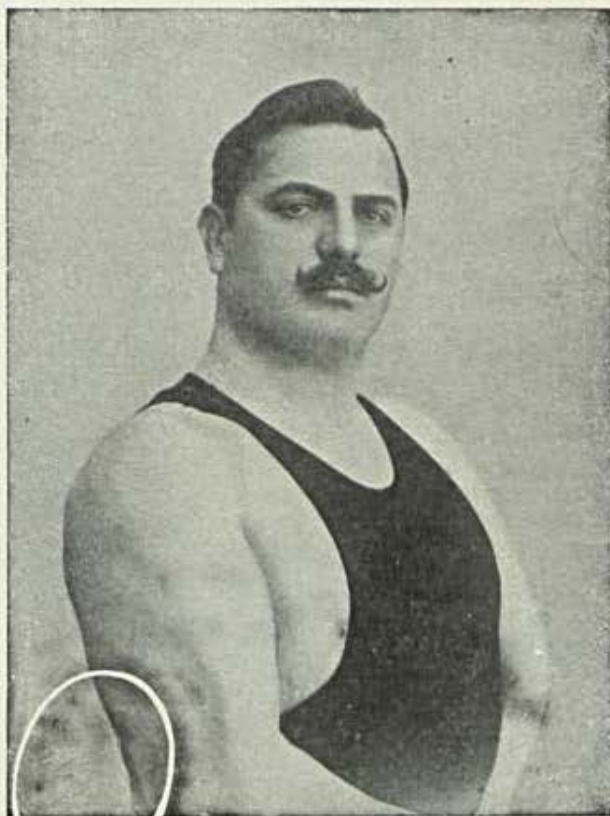
mais se salienta nas contorsões, nos saltos de corsa, em todas as phases d'esse encarniçado duello *corps à corps*, o sangue mau dos dessorados, os nervos exaustos, os musculos sem vigor, os thorax retrahidos, os hombros estreitos, os labios esbranquiçados, os olhos morticos, todos os stygmata de uma decadencia de raça, como que se galvanisam ao espectáculo d'essa lucta, como que experimentam uma reversão á origem



**Van-der-Berg**

*Campeão hollandez*

inicial das forças perdidas, a revivescencia de um instincto sôfrego repassado do que quer que seja de despeito e inveja que, pretende mascarar-se em applausos e expandir-se em enthusiasmos. Em cada um d'estes apaixonados da força, que não podem levantar um peso de dez kilos, revive por certo o Oswaldo de Ibsen. Correm-lhe pelo sangue ennobrecido e pelos ossos arrendados particulas do Viriato, restos de portuguezes antigos, em cujas raças talvez muitos d'elles se entronquem. E é por isso que quando o negro Amalhou em pulos de cobra e agilidades que tem a marca dos seus ancestraes simioscos, arreda para



**Milo**

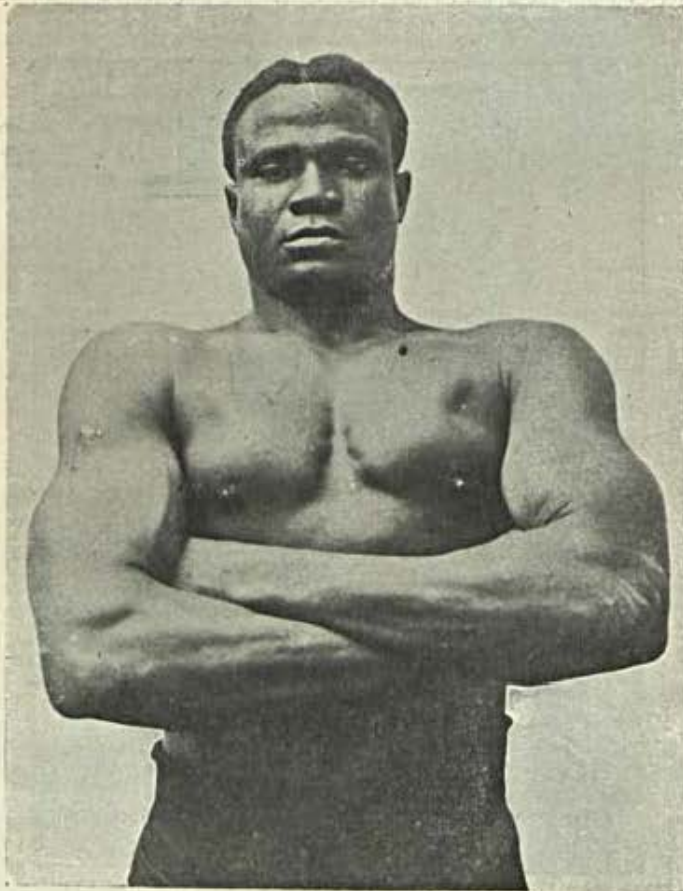
*Campeão da Italia*

longe o adversario quasi a vencel-o, e, pela astucia dos movimentos, e pela ligeireza que accusa a graça nativa, acaba elle mesmo por supplantar os impetos da força que parece esmagal-o e por dominar o poderoso adversario, ou quando o brutal allemão Schackman carregando a fundo sobre qualquer dos campeões valentes da *troupe* tens ares de assassinal-o a murro, de o annullar pela asphixia, ou pela traição da perna, na furia absorvente e dominante de nunca se deixar vencer, ou finalmente quando o hercules francez Paulo Pons, com uma simples prisão de braço ou um esmagamento de ponte, logo ao primeiro assalto,

parecendo que sorri e brinca, crava no chão os ombros do velho e perito Limousin, ou do esculptural e forte Van-der-Berg, as palmas retumbam e atóam os vivos, deante da lealdade e da fortaleza dos golpes, ou, em ares de castigo e de ameaça, assestam-se as bengalas, arrojam-se algumas ao estrado, crispam-se os dedos, cerram-se os punhos, os olhos fusilam, sente-se que uma vibração nova agita os organismos, como se cada um dos campeões athleticos emprestasse a cada um dos fracas figuras que os excitam a rijeza dos seus musculos e a furia dos seus impetos.

E a contraprova d'esta asserção, que a alguns se affigurará arrojada, facil é verificál-a. Apparecem em scena campeões portuguezes: logo aos primeiros assaltos se adivinha que vão ser vencidos; sabe-se que não estão ainda na posse dos segredos da arte de campeonato, que por completo lhe escasseiam os elementos scientificos da lucta, e que a musculatura desenvolvida, ainda que a possuam, não suppre essa falta. Derribados, supplantados, hombros cravados no chão, atravessa-nos a illusão dolorosa de que é Portugal que está derribado, de que é Portugal que está vencido. E o nosso patriotismo que tantas vezes se expande com injustiça louvando o que merece censura, e, só porque é nosso ou envolve responsabilidade nossa, applaudindo o que deve ser reprovado, o nosso patriotismo arreigado, manifesta-se n'esse caso unico... pela pateada. Não defendemos Portugal humilhado pela força bruta. Censuramol o e pateamol o, revoltados, por se metter onde não era chamado, por enxovalhar os nossos credits, manchar a nossa tradição, e, n'uma lucta desigual, fazer eror que é fraqueza e inferioridade o que é simplesmente estupidez e... ganancia.

Vejam que harmonia e rigor em todos os factores d'esta equação, como tudo serve para documentar a verdade da asserção com que encetei estas considerações, como, em summa, se prova e demonstra á sociedade que deante das poderosas luctas do campeonato e dos musculos retesados dos athletas estrangeiros, são os nossos ascendentes que revivem nas nossas palmas, são particulas disseminadas e invisiveis dos Doze de Inglaterra que fazem vibrar os nervos mais flacidos, são os *spectros* dos lusitadas que sobem á superficie da alma portugueza, é o Portugal de Ourique, de Aljubarrota e de Montes Claros, que sente ainda assômos e ancias de dar ao dessorado Portugal de hoje a rijeza de pulso e a vibração muscular d'aquelles tempos. Por isso nós todos, salientando-se os mais fracos, nos temos excitado e entusiasmado ante os exercicios da força bruta. Por isso com o assom-



Amalhou

Luctador do Senegal

bro de muita gente, aquelle genero de espectáculo pegou de vez e abre caminho a outros. E, para contraprova final, surge ainda a circumstancia de até havermos posto de parte as exigencias da estatuaria, termos abstrahido da belleza, condição essecencial dos lendarios jogos olympicos, e contentarmo-nos, perante o triumpho da museulatura e da valentia com a barriga pelheranca e descommunal do zarolho Piek Plang.

JAYME VICTOR.

## Colyseu dos Recreios



Melita Iris e La Morenita

(Ballerinas)

## Nada

*Mão potente e cruel, do ádito setcagem,  
oude passei a Infancia inconsciente e calma,  
arrancou-me sem dó! E na febril coragem  
da Arte arremecou minha virginea alma!*

*Vinha cheia de Fé, ungida de Coragem!  
A Gloria refulgia, além da Vida, calma.  
E para «lá» seguiu... era fugaz miragem...  
No cimo do Calvario abre-se a Cruz em palma!*

*Crucificou-se, ai, no enganador inferno,  
por entre o blasphemar da plebe vil que a aterra,  
fascinada ao clarão dum Ideal eterno...*

*— Morres como nasceste, Alma incomprehendida!  
«A tua Obra santa é cá por sobre a Terra...»*

*— Para que, Deus cruel, tu me trouxeste à vida?...*

1904

Fléxa Ribeiro.

## Alfredo Candido

*Começa hoje n'este numero a sua collaboração  
effectiva o distincto caricaturista Alfredo Can-  
dido, antigo collaborador eventual do BRASIL-  
PORTUGAL, e cujo lapis feliz de ha muito o  
tornou conhecido entre nós e no Brasil.*